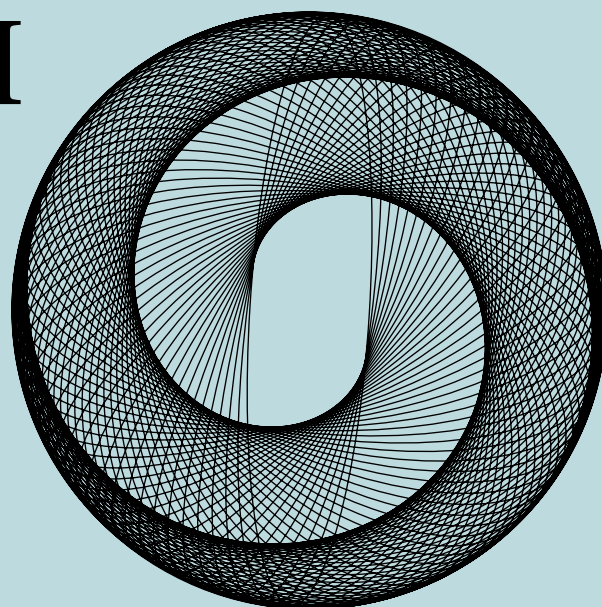




TEMPO EM CURSO



Publicação eletrônica
mensal sobre as desigualdades
de cor ou raça e gênero no mercado
de trabalho metropolitano brasileiro
Ano II; Vol. 2; nº 7, Julho, 2010

(rendimento no trabalho principal e desemprego dos grupos de
cor ou raça e sexo no interior das Regiões Metropolitanas)

ISSN 2177-3955

Sumário

1. Apresentação
2. O LAESER e o VI Congresso dos Pesquisadores Negros (COPENE)
3. Rendimento habitual médio do trabalho principal
4. Evolução da taxa de desemprego
5. Rendimento habitual médio do trabalho principal no interior das seis maiores RMs brasileiras
6. Taxa de desemprego nas seis maiores RMs brasileiras

1. Apresentação

Com o presente número, o LAESER dá continuidade ao boletim eletrônico “Tempo em Curso”, já em seu segundo ano e sétima edição. Os indicadores desta publicação são os microdados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), divulgados, mensalmente, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em seu portal (www.ibge.gov.br), e tabulados pelo LAESER no “Banco de dados Tempo em Curso”.

A PME coleta informações sobre o mercado de trabalho nas seis maiores Regiões Metropolitanas (RMs) brasileiras. Da mais ao Norte, para a mais ao Sul: Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Cada edição do “Tempo em Curso” apresenta um comentário geral sobre a conjuntura econômica recente (ou referente a algum tema em especial, dependendo da conjuntura nacional e demais acontecimentos relevantes) e a atualização dos indicadores de rendimento habitual médio do trabalho principal e do desemprego. A cada número, o Tempo em Curso também reflete sobre um tema diferenciado, tal como segue abaixo:

- Mês 1 – Posição na Ocupação e Ramo de Atividade Econômica
- Mês 2 – Rendimentos do trabalho e desemprego nas RMs
- Mês 3 – Evolução da ocupação e do desemprego

Portanto, nesta presente edição da publicação “Tempo em Curso”, o tema central será os indicadores dos rendimentos do trabalho e desemprego dentro de cada uma das seis maiores RMs brasileiras. Vale salientar que os indicadores que serão comentados são referentes a maio de 2010.

2. O LAESER e o VI Congresso dos Pesquisadores Negros (COPENE)

Entre os dias 26 e 29 de julho de 2010, na Cidade Maravilhosa, foi realizado no campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o VI Congresso dos Pesquisadores Negros (COPENE). O VI COPENE teve como tema “Afrodiáspora: saberes pós-coloniais, poderes e movimentos sociais”.

No contexto de realização do VI COPENE, também se comemorou os dez anos de criação da Associação Brasileira dos Pesquisadores Negros (ABPN), entidade responsável pela realização do COPENE.

Os organizadores do encontro estimavam que haveria a participação de cerca de mil pessoas, entre professores, pesquisadores e estudantes universitários, intelectuais e ativistas dos movimentos sociais.

Ao longo da realização do VI COPENE, foram promovidas cinco Oficinas, 39 Mini-cursos, 23 eixos temáticos, 3 reuniões especiais, 13 mesas-redondas, sete painéis de debates (Painéis do Século XXI) e cinco seções especiais. Também foram expostos 81 pôsteres. Portanto, a quantidade e a diversidade de temas tratados evidenciaram a presença de um amplo conjunto de estudiosos afrodescendentes (ou não afrodescendentes, mas aliados com a causa da promoção da igualdade racial) atuantes no meio universitário brasileiro contemporâneo.

Entre as três reuniões especiais realizadas, uma teve singular importância: a reunião do Consórcio do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEABs), do qual o LAESER é associado, representando a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A reunião do Consórcio dos NEABs foi realizada no dia 28 de julho e agrupou 17 entidades co-irmãs. Na reunião, foi decidida a constituição de um fórum virtual de discussão para reflexão sobre o futuro das ações em comum, bem como a realização de um Seminário do Consórcio, em Brasília, no começo de dezembro de 2010. A coordenação temporária do Consórcio ficará sob responsabilidade do NEAB da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

O **LAESER**, nos marcos do VI COPENE, realizou um mini-curso intitulado “Oficina de Indicadores Sociais com ênfase em relações raciais”. Esta atividade contou com cerca de 60 participantes, tendo sido um dos mini-cursos mais

concorridos durante o evento. Participaram de sua realização Anna Lucia Sabóia, pesquisadora do Departamento de Indicadores Sociais (DEISO), do IBGE; as professoras Azoilda Loretto e Sandra Ribeiro, bem como o professor Marcelo Paixão. Esta atividade deu sequência aos esforços que vem sendo empreendidos pelo **LAESER** no sentido da disseminação da cultura de uso dos indicadores sociais nos estudos das desigualdades raciais.

O **LAESER**, através da pessoa de seu coordenador, igualmente participou do VI COPENE através da Coordenação do Eixo Temático 16A, intitulado “Políticas de Ação Afirmativa e Igualdade Racial”. A realização das atividades deste eixo se prolongou por dois dias, tendo envolvido a apresentação de 11 trabalhos ao todo. O coordenador do **LAESER**, igualmente, se fez presente em um dos Painéis do Século XXI, participando da mesa de debates “Políticas Públicas e Protagonismo Negro”, junto com o professor Alex Ratts (Universidade Federal de Goiás - UFG), Lucia Xavier (CRIOLA), Luiza Bairos (Secretaria de Promoção da Igualdade do Estado da Bahia – SEPROMI), coordenada pelo professor Amauri Mendes (Universidade Estadual da Zona Oeste – UEZO).

No encontro, foi eleita como presidenta da ABPN a professora Zélia Amador de Deus, docente da Universidade Federal do Pará (UFPA). O VII COPENE será realizado na cidade de Florianópolis – SC, em 2012.

3. Rendimento habitual médio do trabalho principal (tabela 1)

O rendimento médio habitualmente recebido pela PEA das seis maiores RMs brasileiras, no mês de maio de 2010, foi de R\$ 1.417,31. Este valor foi 0,9% inferior ao

mês de abril do mesmo ano e, 2,5% superior à remuneração média da PEA metropolitana em maio de 2009.

O rendimento médio habitualmente recebido pela PEA de cor ou raça branca, em maio de 2010, foi de R\$ 1.793,87. Já o mesmo indicador na PEA preta & parda foi de R\$ 954,97. Portanto, a diferença entre um grupo e outro foi de 87,8%.

Comparativamente ao mês de abril de 2010, a PEA branca observou redução nos rendimentos médios em 2,1%, ao passo que a PEA preta & parda, inversamente, apresentou elevação em 1,2%. Na comparação com o mês de maio de 2009, em maio de 2010, o rendimento médio habitualmente recebido pela PEA branca foi 2,4% superior. Este mesmo indicador, em igual intervalo de tempo, no interior da PEA preta & parda, apresentou crescimento de 4,9%.

Deste modo, tanto no intervalo de um mês (abril e maio de 2010), como de um ano (maio de 2009 e de 2010), ocorreu redução nas desigualdades de cor ou raça em termos do rendimento habitual médio do trabalho principal. Assim, na comparação entre o mês de maio com o mês anterior, a diferença foi reduzida em 6,4 pontos percentuais. Já na comparação anual, a queda na assimetria foi de 4,6 pontos percentuais.

Quando o indicador acima é decomposto pelos grupos de gênero, observa-se que no caso dos homens brancos, o rendimento habitual médio, em maio de 2010, havia sido de R\$ 2.071,69. Entre os homens pretos & pardos, o indicador foi de R\$ 1.085,22. Dito de outro modo, no somatório das seis maiores RMs brasileiras, os homens brancos auferiam rendimentos médios

Tabela 1. Rendimento médio habitualmente recebido pela PEA ocupada residente nas seis maiores RMs, Brasil, mai / 09 – mai / 10, (em R\$ - mai / 10, INPC)

	2009								2010				
	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai
Homens Brancos	2.006,75	2.021,78	2.035,62	2.048,25	2.057,95	2.059,57	2.070,40	2.039,85	2.078,38	2.112,68	2.112,40	2.114,14	2.071,69
Mulheres Brancas	1.445,88	1.431,76	1.426,32	1.440,39	1.441,70	1.444,60	1.464,78	1.456,69	1.473,66	1.488,52	1.499,94	1.501,64	1.467,32
Brancos	1.751,52	1.749,57	1.755,77	1.766,66	1.773,79	1.776,25	1.790,32	1.770,24	1.800,71	1.826,02	1.831,04	1.832,84	1.793,87
Homens Pretos & Pardos	1.038,03	1.013,47	1.021,03	1.034,05	1.043,49	1.064,08	1.050,85	1.054,68	1.051,13	1.074,33	1.074,80	1.075,03	1.085,22
Mulheres Pretas & Pardas	742,18	745,92	770,28	773,46	786,19	765,58	760,82	769,08	779,32	784,81	784,25	774,34	788,27
Pretos & Pardos	910,18	897,79	911,33	920,07	930,21	932,55	922,65	927,62	930,74	946,75	947,11	943,39	954,97
PEA Total	1.383,38	1.378,68	1.385,95	1.399,11	1.407,30	1.407,09	1.405,91	1.393,23	1.407,90	1.424,15	1.429,21	1.430,08	1.417,31

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

90,9% superior ao dos homens pretos & pardos. Tal diferença, comparativamente ao mês de abril de 2010, foi 5,8 pontos percentuais inferior. Já na comparação entre os meses de maio de 2009 e de 2010, ocorreu uma queda nas diferenças em 2,4 pontos percentuais.

No contingente do sexo feminino, a PEA branca, em maio de 2010, auferiu rendimento habitual médio equivalente a R\$ 1.467,32. Já a PEA preta & parda, no mesmo mês, auferiu rendimento habitual médio de R\$ 788,27. Assim, naquele momento, a PEA branca do sexo feminino, comparativamente à PEA preta & parda do mesmo grupo de gênero, auferia rendimento superior em 86,1%. Comparativamente a abril de 2010, ocorreu uma redução nas assimetrias em 7,8 pontos percentuais. Na comparação com o mês de maio do ano anterior, as desigualdades declinaram 8,7 pontos percentuais.

Em maio de 2010, os homens brancos auferiam rendimentos habituais médios 162,8% superiores aos das mulheres pretas & pardas. No mesmo período, as mulheres brancas auferiam rendimentos habituais médios 35,2% superiores aos homens pretos & pardos.

4. Evolução da taxa de desemprego (tabela 2)

No mês de maio de 2010, a taxa de desemprego da PEA residente nas seis maiores RMs brasileiras foi de 7,5%. Comparativamente ao mês anterior, ocorreu uma elevação em 0,2 ponto percentual. Já na comparação entre o mês de maio de 2010 com maio de 2009, ocorreu uma redução na taxa de desemprego em 1,4 ponto percentual.

Portanto, na comparação entre maio de 2009 e maio de 2010, ocorreram melhorias nos dois principais indicadores de estudo do mercado de trabalho: renda e de-

semprego. Tal movimento sinaliza a recuperação destes indicadores em relação aos impactos da crise econômica, sentidos no primeiro semestre do ano passado.

No mês de maio de 2010, a taxa de desemprego da PEA branca foi de 6%; e a da PEA preta & parda foi de 9,2%. Comparativamente ao mês de abril de 2010, a taxa de desemprego na PEA branca declinou 0,2 ponto percentual. Já na comparação com maio de 2009, ocorreu redução na taxa de desemprego em 1,9 ponto percentual. No caso da PEA preta & parda, a taxa de desemprego aumentou 0,6 ponto percentual na comparação entre os meses de maio e abril de 2010. Em relação a maio de 2009, a taxa de desemprego da PEA preta & parda declinou 0,9 ponto percentual.

No mês de maio de 2010, nas seis maiores RMs brasileiras, a taxa de desemprego dos pretos & pardos era 3,2 pontos percentuais superior ao mesmo indicador observado na PEA branca.

Esta diferença foi a maior observada dentro do período de um ano (maio de 2009 e maio de 2010). Assim, a desigualdade de cor ou raça no indicador da taxa de desemprego (sempre com os pretos & pardos apresentando taxas superiores) cresceu 0,8, na comparação entre maio e abril de 2010. Já na comparação entre maio de 2009 e maio de 2010, a desigualdade entre as taxas de desemprego da PEA preta & parda e da branca se elevou em 1,1 ponto percentual.

Este movimento, por outro lado, pode parecer paradoxal com os indicadores analisados acima sobre a evolução dos rendimentos habituais médios de um e outro grupo (no qual, conforme visto, ocorreu redução nas assimetrias). Tal cenário de aumento mais que proporcional da taxa de desemprego entre os pretos

Tabela 2. Taxa de desemprego da PEA residente nas seis maiores RMs, Brasil, mai / 09 – mai / 10 (em % da PEA)

	2009						2010						
	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai
Homens Brancos	6,7	5,8	5,7	5,6	5,3	5,1	4,9	4,6	5,0	5,4	5,1	5,1	4,7
Mulheres Brancas	9,3	8,1	7,8	8,3	7,9	7,7	7,6	7,0	7,5	7,5	8,0	7,4	7,4
Brancos	7,9	6,9	6,7	6,9	6,5	6,3	6,2	5,7	6,2	6,4	6,5	6,2	6,0
Homens Pretos & Pardos	8,0	7,9	7,7	7,7	7,5	7,0	6,7	6,4	6,8	6,6	6,7	6,6	6,6
Mulheres Pretas & Pardas	12,6	12,0	11,9	11,9	11,2	11,4	11,2	10,2	10,5	10,8	11,5	11,0	12,4
Pretos & Pardos	10,1	9,7	9,6	9,6	9,2	9,0	8,8	8,1	8,5	8,5	8,9	8,6	9,2
PEA Total	8,8	8,1	8,0	8,1	7,7	7,5	7,4	6,8	7,2	7,4	7,6	7,3	7,5

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

& pardos, comparativamente aos brancos, portanto, pode ter como hipótese principal o fato de que pode ter ocorrido uma maior atratividade do mercado de trabalho justamente para os pretos & pardos, contribuindo assim, para que mais pessoas deste grupo se dispusessem a disputar uma vaga no mercado de trabalho e, muito possivelmente, tendo maior dificuldade relativa para obter colocação.

No interior da PEA branca do sexo masculino, a taxa de desemprego, em maio de 2010, foi de 4,7%. Este indicador, na comparação com o mês anterior, declinou 0,4 ponto percentual. Já na comparação com o mês de maio de 2009, a taxa de desemprego dos homens brancos se reduziu em 2 pontos percentuais.

Na PEA preta & parda do sexo masculino, em maio de 2010, a taxa de desemprego foi de 6,6%. Este indicador foi igual ao observado em abril de 2010. Contudo, na comparação com maio de 2009, a taxa de desemprego deste grupo de cor ou raça e gênero diminuiu 1,5 ponto percentual.

Na PEA branca do sexo feminino, a taxa de desemprego, em maio de 2010, foi de 7,4%. Este foi o mesmo indicador observado no mês anterior. Já na comparação com maio de 2009, a taxa de desemprego das mulheres brancas declinou em 1,9 ponto percentual.

No interior da PEA preta & parda do sexo feminino, a taxa de desemprego, em maio de 2010, foi de 12,4%. Este foi o maior indicador observado para este grupo neste mesmo ano, tendo crescido, comparativamente ao mês de abril, 1,4 ponto percentual. Na comparação com o mês de maio de 2009, a taxa de desemprego das mulheres pretas & pardas declinou em 0,2 ponto percentual.

Ou seja, quando se analisa a taxa de desemprego das mulheres pretas & pardas pode-se fazer uma curiosa constatação: de que este indicador neste grupo apresentou-se comparativamente mais elevado, tanto no momento de vigência de uma crise no mercado de trabalho brasileiro, como no momento de sua recuperação.

5. Rendimento habitual médio do trabalho principal no interior das seis maiores RMs brasileiras (tabela 3)

Na presente seção, serão comentados os rendimentos habituais médios do trabalho principal da PEA metropolitana brasileira desagregada por cada uma das seis maiores RMs. O indicador mais uma vez cobrirá o período de maio de 2010.

Quando o indicador do rendimento habitual médio do trabalho principal é analisado no interior de cada uma das seis maiores RMs brasileiras observa-se que, em maio de 2010, o maior rendimento era obtido pela PEA residente na RM de São Paulo (R\$ 1.537,62). Em seguida vinham os rendimentos dos residentes na RM do Rio de Janeiro (R\$ 1.455,83); RM de Porto Alegre (R\$ 1.426,78); RM de Belo Horizonte (R\$ 1.289,47); RM de Salvador (R\$ 1.200,19); e RM de Recife (R\$ 985,09).

Quando se estuda o mesmo indicador desagregado pelos grupos de cor ou raça se verifica que este ordenamento passava por diversas mudanças.

Na PEA de cor ou raça branca, os que auferiam melhor remuneração foram os residentes na RM de Salvador (R\$ 2.511,08). Em termos do ordenamento dos maiores rendimentos por RM, a sequência para este grupo era: RM de Rio de Janeiro (R\$ 1.894,26); RM de São Paulo (R\$

Tabela 3. Rendimento médio habitualmente recebido pela PEA ocupada residente nas seis maiores Regiões Metropolitanas (RMs), Brasil, mai / 10, (em R\$ - mai / 10, INPC)

	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total 6 RMs
Homens Brancos	1.794,06	3.050,91	2.153,98	2.135,45	2.099,99	1.737,33	2.071,69
Mulheres Brancas	1.225,28	1.963,57	1.367,07	1.604,37	1.487,66	1.209,58	1.467,32
Brancos	1.515,27	2.511,08	1.784,21	1.894,26	1.818,92	1.499,45	1.793,87
Homens Pretos & Pardos	860,31	1.105,11	1.080,98	1.124,16	1.128,14	979,03	1.085,22
Mulheres Pretas & Pardas	643,36	815,07	778,03	797,74	817,27	801,72	788,27
Pretos & Pardos	768,58	968,76	944,49	983,54	994,97	896,73	954,97
Homens	1.107,76	1.383,66	1.511,82	1.638,27	1.751,46	1.648,42	1.617,65
Mulheres	830,79	996,98	1.027,08	1.226,31	1.274,53	1.158,65	1.172,74
Total	985,09	1.200,19	1.289,47	1.455,83	1.537,62	1.426,78	1.417,31

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

1.818,92); RM de Belo Horizonte (R\$ 1.784,21); RM de Recife (R\$ 1.515,27) e RM de Porto Alegre (R\$ 1.499,45).

Já na PEA preta & parda, os que recebiam a maior remuneração média eram os residentes na RM de São Paulo (R\$ 994,97). Nas demais RMs, do maior para o menor, vinham: RM do Rio de Janeiro (R\$ 983,54); RM de Salvador (R\$ 968,76); Belo Horizonte (R\$ 944,49); RM de Porto Alegre (R\$ 896,73) e RM de Recife (R\$ 768,58).

Em todas as seis RMs cobertas pela PME, os homens brancos auferiam os maiores rendimentos habituais médios do trabalho principal. Em todas as RMs, em segundo lugar em termos da remuneração habitual média, vinham as mulheres brancas, seguidas dos homens pretos & pardos. Invariavelmente, as mulheres pretas & pardas auferiam as menores remunerações em todas as seis RMs estudadas.

No contingente branco do sexo masculino, os que auferiam maior remuneração eram os residentes na RM de Salvador (R\$ 3.050,91). Por conseguinte, este grupo era o que melhor remuneração auferia na comparação com os demais grupos de cor ou raça e sexo em todas as seis RMs estudadas. Na sequência, da maior para a menor remuneração no interior deste grupo vinham os residentes na RM de Belo Horizonte (R\$ 2.153,98); RM do Rio de Janeiro (R\$ 2.135,45); RM de São Paulo (R\$ 2.099,99); RM de Recife (R\$ 1.794,06) e RM de Porto Alegre (R\$ 1.737,33).

No contingente dos homens pretos & pardos, os que auferiam melhor remuneração habitual média do trabalho principal eram os residentes na RM de São Paulo (R\$ 1.128,14). O ordenamento dos rendimentos, do maior para o menor, para a PEA deste grupo de cor ou raça e gênero era: RM do Rio de Janeiro (R\$ 1.124,16); RM de Salvador (R\$ 1.105,11); RM de Belo Horizonte (R\$ 1.080,98); RM de Porto Alegre (R\$ 979,03) e RM de Recife (R\$ 860,31).

No contingente das mulheres brancas do sexo feminino, o ordenamento observado em termos do rendimento habitual médio do trabalho principal era: RM de Salvador (R\$ 1.963,57); RM do Rio de Janeiro (R\$ 1.604,37); RM de São Paulo (R\$ 1.487,66); RM de Belo Horizonte (R\$ 1.367,57); RM de Recife (R\$ 1.225,28) e RM de Porto Alegre (R\$ 1.209,58).

Na PEA preta & parda do sexo feminino, a maior remuneração habitual média do trabalho principal era encontrada entre as residentes na RM de São Paulo (R\$ 817,27). O ordenamento das demais RMs em termos do indicador (do maior para o menor) era o seguinte:

RM de Salvador (R\$ 815,07); RM de Porto Alegre (R\$ 801,72); RM do Rio de Janeiro (R\$ 797,74); RM de Belo Horizonte (R\$ 778,03) e RM de Recife (R\$ 643,36).

No que tange às desigualdades de cor ou raça, a RM de Salvador apresentou as maiores diferenças entre o rendimento habitual médio do trabalho principal da PEA branca, comparativamente à PEA preta & parda: 159,2%. A segunda RM mais desigual foi a de Recife, na qual as desigualdades chegavam a 97,2%. Na RM do Rio de Janeiro, os brancos recebiam 92,6% a mais que os pretos & pardos. Esta mesma diferença era de 88,9%, na RM de Belo Horizonte; de 82,8%, na RM de São Paulo; e de 67,2%, na RM porto-alegrense.

No contingente do sexo masculino, as maiores diferenças na remuneração habitual média dos brancos, comparativamente aos pretos & pardos, ocorriam na RM de Salvador (176,1%). Em seguida vinham a RM de Recife (108,5%); RM de Belo Horizonte (99,3%); RM do Rio de Janeiro (90,0%); RM de São Paulo (86,1%) e RM de Porto Alegre (77,5%).

Dentro do contingente do sexo feminino, as maiores diferenças em termos do rendimento habitual médio das brancas, comparativamente às pretas & pardas, também se davam na RM soteropolitana (140,9%). Em seguida, as maiores diferenças se davam, respectivamente, na RM do Rio de Janeiro (101,1%); RM de Recife (90,5%); RM de São Paulo (82,0%); RM de Belo Horizonte (75,7%) e RM de Porto Alegre (67,2%).

Deste modo, ao se observar as distâncias nas remunerações médias da PEA branca e preta & parda (incluindo sua decomposição pelos grupos de gênero), verifica-se que a RM de Salvador era invariavelmente a mais desigual, e a RM de Porto Alegre, a menos desigual. A RM de Belo Horizonte aparecia como a segunda menos desigual. A RM de Recife combinava as menores remunerações com níveis de assimetrias razoavelmente acentuados comparativamente às demais RMs. A RM do Rio de Janeiro era mais desigual do que a RM de São Paulo.

Operando-se por extremos, a diferença entre o rendimento habitual médio do trabalho principal dos homens brancos residentes na RM de Salvador e as mulheres pretas & pardas residentes na RM de Recife era de 374,2%. De qualquer forma, não deixa de ser curioso que as maiores distâncias tenham se observado entre duas RMs localizadas no interior de uma mesma região geográfica: a do Nordeste.

6. Taxa de desemprego nas seis maiores RMs brasileiras (tabela 4)

No mês de maio de 2010, no interior das seis maiores RMs brasileiras, a maior taxa de desemprego era encontrada na RM de Salvador, 12%. Em seguida vinham a RM de Recife (9,7%); a RM de São Paulo (7,8%); a RM do Rio de Janeiro (6,3%); a RM de Belo Horizonte (5,8%) e a RM de Porto Alegre (5,0%).

Naquele mesmo período, na PEA branca, a maior taxa de desemprego era verificada na RM de Salvador (9,9%); seguida da RM de Recife (9,1%); RM de São Paulo (6,8%); RM de Belo Horizonte (5,0%); RM de Porto Alegre (4,9%) e RM do Rio de Janeiro (4,4%).

No caso da PEA preta & parda, também foi a RM de Salvador que apresentou a maior taxa de desemprego (12,4%), em maio de 2010. Na sequência, em termos das correspondentes taxas de desemprego, se encontravam as RMs de Recife (10,0%); São Paulo (9,6%); Rio de Janeiro (8,3%); Belo Horizonte (6,4%) e Porto Alegre (6,2%).

Desta forma, pode-se observar que no mês de maio de 2010, em cada uma das seis RMs, a taxa de desemprego da PEA preta & parda era superior ao mesmo indicador entre os brancos. A maior diferença era encontrada na RM fluminense (3,9 pontos percentuais); seguida da paulista (2,9 pontos percentuais); soteropolitana (2,4 pontos percentuais); belo-horizontina (1,4 ponto percentual); porto-alegrense (1,3 ponto percentual) e recifense (0,9 ponto percentual).

No que tange às taxas de desemprego desagregadas pelos grupos de cor ou raça e gênero, observa-se que

invariavelmente em todas as seis maiores RMs brasileiras, em maio de 2010, os indicadores das mulheres pretas & pardas eram superiores em relação aos demais grupos. Alternativamente, em todas as seis RMs, a taxa de desemprego dos homens brancos era menor. Finalmente, comparando a taxa de desemprego dos homens pretos & pardos com a taxa de desemprego das mulheres brancas, observava-se que este indicador, entre as últimas, era comparativamente maior em todas as RMs.

No que tange às mulheres pretas & pardas, o ordenamento das taxas de desemprego era a seguinte: RMs de Salvador (15,8%); São Paulo (12,6%); Recife (12,5%); Rio de Janeiro (11,8%); Belo Horizonte (9,2%) e Porto Alegre (9,0%).

No caso das mulheres brancas, a taxa de desemprego era de 13,3%, na RM de Salvador; de 10,4%, na RM de Recife; de 7,8%, na RM de São Paulo; 6,6%, na RM de Belo Horizonte; de 6,3%, na RM de Porto Alegre, e de 6,2%, na RM do Rio de Janeiro.

Entre os homens pretos & pardos, as maiores taxas de desemprego eram encontradas na RM de Salvador (9,0%); seguida das taxas da RM de Recife (8,1%); RM de São Paulo (7,2%); RM do Rio de Janeiro (5,3%); RM de Belo Horizonte (3,9%) e RM de Porto Alegre (3,5%).

No caso da PEA branca do sexo masculino, conforme mencionado, as taxas de desemprego eram comparativamente menores aos demais contingentes. Assim, o ordenamento deste indicador, neste grupo, se dava nas seguintes RMs: Recife (7,7%); Salvador (6,4%); São Paulo (5,9%); Porto Alegre (3,7%); Belo Horizonte (3,5%) e Rio de Janeiro (2,8%).

Tabela 4. Taxa de desemprego da PEA residente nas seis maiores Regiões Metropolitanas (RMs), Brasil, mai / 10 (em % da PEA)

	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total 6 RMs
Homens Brancos	7,7	6,4	3,5	2,8	5,9	3,7	4,7
Mulheres Brancas	10,4	13,3	6,6	6,2	7,8	6,3	7,4
Brancos	9,1	9,9	5,0	4,4	6,8	4,9	6,0
Homens Pretos & Pardos	8,1	9,0	3,9	5,3	7,2	3,5	6,6
Mulheres Pretas & Pardas	12,5	15,8	9,2	11,8	12,6	9,0	12,4
Pretos & Pardos	10,0	12,4	6,4	8,3	9,6	6,2	9,2
Homens	8,0	8,7	3,7	4,0	6,4	3,6	5,6
Mulheres	11,8	15,4	8,1	8,9	9,4	6,6	9,6
Total	9,7	12,0	5,8	6,3	7,8	5,0	7,5

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

Tempo em Curso

Elaboração escrita

Profº Marcelo Paixão e Irene Rossetto Giaccherino

Programação de indicadores estatísticos

Luiz Marcelo Carvano

Pesquisadora assistente

Fabiana Montovanele de Melo
Irene Rossetto Giaccherino

Bolsista de Graduação

Bianca Ângelo Andrade
(PBICT – CNPq)

Equipe LAESER / IE / UFRJ

Coordenação Geral

Profº Marcelo Paixão

Coordenação Estatística

Luiz Marcelo Carvano

Pesquisadores Assistentes

Cléber Julião
Fabiana Montovanele de Melo
Irene Rossetto Giaccherino
Sandra Regina Ribeiro

Coordenação dos Cursos de Extensão

Azoilda Loretto
Sandra Regina Ribeiro

Bolsistas de Graduação

Bianca Angelo Andrade (PBICT – CNPq)
Elisa Alonso Monçores (PBICT – CNPq)
Elaine Carvalho – Curso de Extensão (UNIAFRO)

Revisão de texto e copy-desk

Alana Barroco Vellasco Austin

Editoração Eletrônica

Maraca Design

Apoio

Fundação Ford



FORD FOUNDATION